



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS

MARIA GABRIELA SILVA BERNARDINO

SAÚDE DA MULHER : ACOMETIMENTO DA DOENÇA INFLAMATÓRIA PÉLVICA

SÃO PAULO  
2020

MARIA GABRIELA SILVA BERNARDINO

SAÚDE DA MULHER : ACOMETIMENTO DA DOENÇA INFLAMATÓRIA PÉLVICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Especialização em Saúde da  
Família da Universidade Federal de São Paulo  
para obtenção do título de Especialista em  
Saúde da Família

Orientação: CAROLINA OZAWA

SÃO PAULO  
2020

## **Resumo**

O Projeto de Saúde do Território, desenvolvido dentro do curso de especialização em Saúde da Família foi desenvolvido para implantação na Unidade de Saúde Jussara na cidade de Mongaguá no Estado de São Paulo. A pesquisa foi realizada no ambulatório de clínica médica onde as usuárias comparecem para consulta e realizam exames de rotina ginecologia, tais como: coleta de amostra do colo uterino (Citologia Oncótica) e ultrassonografia pélvica. No período de janeiro a março de 2020, dezessete mulheres, devidamente esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa, responderam um formulário fechado com dez questões objetivas, conforme modelo anexo. A motivação para realização do projeto foi o alto índice de doença inflamatória pélvica - DIP constatado no decorrer do estudo. A doença inflamatória pélvica acomete geralmente mulheres em fase reprodutiva e sexualmente ativas, com maior risco para mulheres acima de 35 anos, que possuem múltiplos parceiros sexuais, antecedentes de vaginose e Infecção de Transmissão Sexual - ITS. A prevenção de doença inflamatória pélvica é essencial para saúde e a fertilidade de uma mulher e a única forma de prevenção é a utilização correta de preservativo. Diagnosticado que o problema afeta principalmente a população com grande vulnerabilidade social, realizou-se diversas ações comunitárias de prevenção, educação e saúde.

## **Palavra-chave**

Infecções Sexualmente Transmissíveis. Saúde da Mulher. Diagnóstico Precoce.

## **PROBLEMA/SITUAÇÃO**

A doença inflamatória pélvica tem um grande impacto negativo na vida das mulheres, principalmente em áreas carentes como o território alvo do projeto. Por falta de prevenção e orientações, a forma de contágio ocorre por meio de bactérias, que ascendem o canal vaginal após relações sexuais desprotegidas. Os sintomas principais são dor pélvica, sangramento irregular, corrimento vaginal de odor ruim, febre baixa (38,5 cº), náuseas e vômitos, entre outros. Podendo chegar a casos mais graves de peritonite, abscesso e gravidez tubária.

Esse quadro acontece principalmente quando a gonorreia e a infecção por clamídia não são tratadas, também por inserção de Dispositivo Intrauterino - DIU, biópsia na parte interna do útero ou curetagem. Mais comumente as bactérias envolvidas são *Neisseria gonorrhoeae*, que causa a gonorreia, *Chlamydia trachomatis*, que causa a infecção por clamídia e *Mycoplasma genitalium*.

Recomenda-se procurar um profissional da saúde para o diagnóstico e tratamento adequado. O diagnóstico se dá por avaliação médica dos sintomas, coleta de amostras do colo do útero e se necessário ultrassonografia pélvica. Como tratamento são utilizados antibióticos e internação em casos graves.

Durante o período de estudo para a realização do projeto de saúde do território, no levantamento das queixas relacionadas, juntamente com exames ginecológicos e citologia oncótica, as pacientes referem sintomas como, corrimentos, dispareunia, dores pélvicas, infertilidade, endometriose, abortamentos, entre outras. A maioria das mulheres na faixa etária de 15 a 35 anos com vida sexual ativa tem essas reclamações frequentes e recorrentes. Foram realizadas reuniões com a equipe de saúde da unidade onde discutiu-se prevenções e palestras. O auto índice de ITS, na população em geral que correlaciona com a doença inflamatória pélvica, é uma informação de utilidade pública que sugere melhorias na prevenção da saúde da mulher e um cuidado multidisciplinar. As ITS são principais causas da DIP, motivo da escolha desse tema.

## ESTUDO DA LITERATURA

A doença inflamatória pélvica - DIP, atinge principalmente mulheres em idade fértil que iniciaram sua vida sexual, com impacto negativo na vida e cotidiano. A DIPA (doença inflamatória pélvica aguda) é um processo inflamatório causado pela ascensão de microrganismos, do trato genital inferior. Para Sedicias (2007) atinge uma faixa etária de 15 a 25 anos. Conforme citado por Nogueira et. al. (2006) a dor pélvica causa frustrações no tratamento.

*Dor pélvica crônica é uma doença debilitante e de alta prevalência, com grande impacto na qualidade de vida e produtividade, além de custos significativos para os serviços de saúde. O dilema no manejo da dor pélvica crônica continua a frustrar médicos confrontados com o problema, em parte porque sua fisiopatologia é pobremente compreendida.*

*Consequentemente, seu tratamento é muitas vezes insatisfatório e limitado ao alívio temporário dos sintomas. Salientamos que uma história clínica e exame físico adequados deveriam incluir atenção especial aos sistemas gastrintestinal, urinário, ginecológico, musculoesquelético, neurológico, psicológico e endócrino. Dessa forma, uma abordagem multidisciplinar é recomendada. (Nogueira et.al., 2006).*

O trabalho publicado na Revista Médica Minas Gerais discorre sobre as manifestações clínicas da enfermidade.: *as manifestações clínicas são de baixa sensibilidade, com valor preditivo positivo de 65 a 90%, entretanto, representam a base para o diagnóstico de DIP. As principais alterações observadas, com probabilidade diagnóstica de 90%, incluem: dolorimento à mobilidade cervical, dolorimento uterino ou anexial ao exame bimanual e evidência de infecção do trato genital. O corrimento vaginal secundário a endometrite, cervicite ou vaginose pode não ser específico, mas sua ausência tem alto valor preditivo negativo. As outras alterações clínicas sugestivas são dor abdominal baixa (geralmente bilateral), febre (38°C), sangramento não habitual (como metrorragia), disúria, dispaureunia, início da dor associada à menstruação, náuseas e vômitos (Romanelli, 2013).*

“O diagnóstico da doença inflamatória pélvica pode ser feito através da realização de exames de sangue, ultrassonografia pélvica ou transvaginal, e a infecção por gonococo ou clamídia, que estão entre as principais causas da DIP” (Sedicias,2007). O tratamento da DIP deve ser feito com o uso de antibióticos, prescritos por um médico.

*O tratamento para doença inflamatória pélvica pode ser feito com o uso de antibióticos por via oral ou por via intramuscular por cerca de quatorze dias. Além disso, é importante o repouso, não haver contato íntimo durante o tratamento, nem mesmo com camisinha para dar tempo para os tecidos cicatrizarem, e a retirada do DIU, se for o caso (Sedicias, 2007).*

Sedicias (2007) define como abordagem clínica do tratamento antibioticoterapia.; *um exemplo de antibiótico para doença inflamatória pélvica é a Azitromicina, mas outros, como o Levofloxacino, Ceftriaxona, Clindamicina ou Ceftriaxona também podem ser indicados. Quando a paciente não apresenta melhora em 3 dias, possivelmente terá que ser internada no hospital. A infertilidade e a gravidez ectópica, em que o feto cresce fora do útero, são as possíveis complicações em algumas mulheres que apresentam a Doença Inflamatória Pélvica crônica.*

## **AÇÕES**

De acordo com as ações que serão implantadas nesse projeto, a fonte depende de informações, que auxiliam na fundamentação e meios de resolver um problema. Por meio de coleta de dados das pacientes, também com o objetivo de conhecer as situações e relações que ocorrem na vida social, e aspectos comportamentais do ser humano. Analisando os dados e fatores colhidos da própria realidade. As ações serão desenvolvidas na Unidade de Saúde Jussara na cidade de Mongaguá, Estado de São Paulo, no ambulatório de clínica médica onde as usuárias comparecem para consulta, realizando os exames de rotina ginecologia, no período de novembro 2019 a março de 2020. O recrutamento das pacientes foi feito no consultório, considerando a idade entre 15 e 30 anos e as queixas referentes a doenças inflamatória pélvica. A ferramenta para auxiliar na entrevista foi um formulário contendo dez perguntas objetivas.

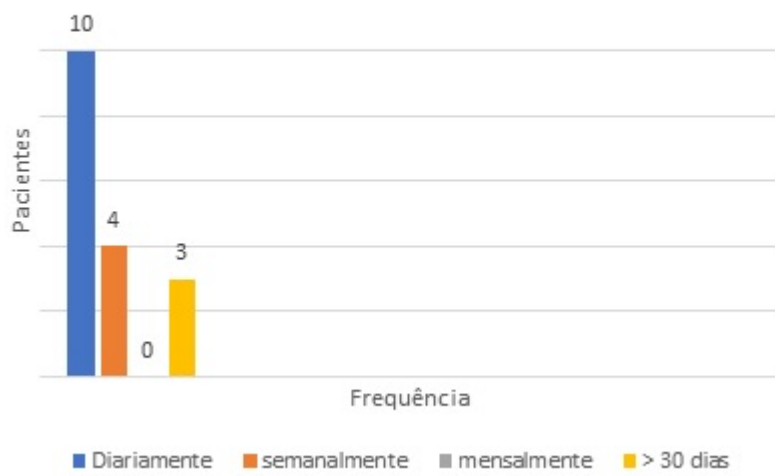
### Ações Implantadas

- ♦ Pesquisa de Conhecimento de Posto de Saúde Sobre DIP, modelo do formulário em anexo;
- ♦ Distribuição de panfleto explicativo DIPA/ITS, modelo em anexo;
- ♦ Realizar Palestra para a comunidade;
- ♦ Realizar Orientações de prevenção;
- ♦ Sorteios de kit prevenção (preservativo masculino + preservativo feminino).

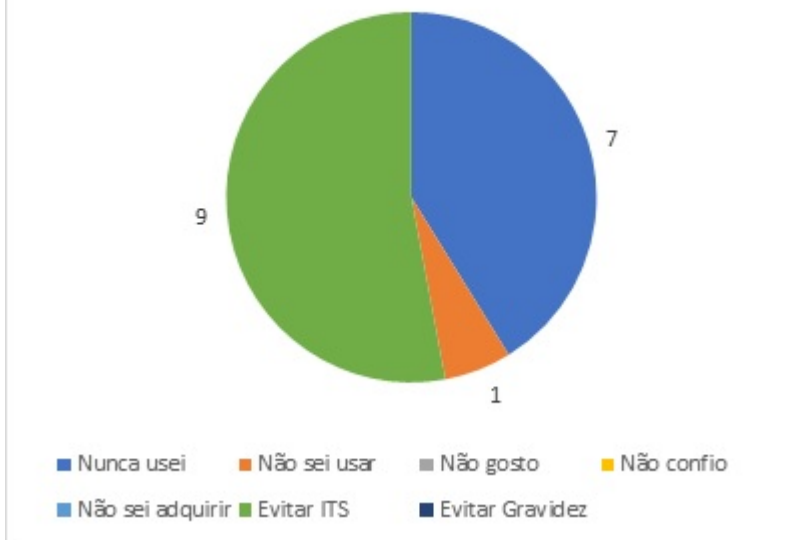
A Pesquisa de Conhecimento Sobre DIP aplicada nas usuárias do Posto de Saúde Jussara mostrou que:

Das 17 pacientes pesquisadas apenas 1 já tinha ouvido falar em DIP, 2 não sabiam como se adquire a DIP, 16 já tinham apresentado corrimento em algum momento da vida, todas afirmaram ter apenas um único parceiro nos últimos seis meses e 100% tinham antecedentes de vaginose e realizaram algum tipo de tratamento. Já os dados sobre a frequência das relações sexuais, a utilização de preservativos na prevenção e o aspecto do corrimento são ilustrados nos gráficos seguintes.

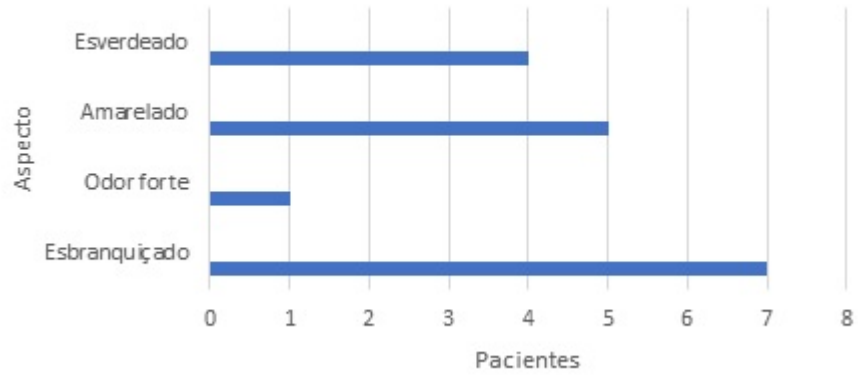
### Frequência Relação Sexual



### Uso do Preservativo



### Aspecto do Corrimento





## MODELO DO PANFLETO DISTRIBUIDO

---

### DOENÇA INFLAMATORIA PÉLVICA (DIP)

Saúde da mulher



#### O que é?

É uma infecção da parte superior do aparelho reprodutor feminino, nomeadamente do útero, trompas de falópio, ovários, e do interior da bacia.

**FORMAR DE CONTAGIO?** Essa infecção pode ocorrer por meio de contato com as bactérias após a relação sexual desprotegida, principalmente gonorreia e infecção por clamídia não tratadas.

**SINTOMAS?** Dor na parte baixa do abdômen, Dor abdominal e nas costas. Febre, fadiga e vômitos. Corrimento vaginal, sangramento vaginal, dor ao urinar.

**Tratamento?** Buscar a unidade de saúde para orientações e tratamento adequado com antibióticos.

Dr. Mario Gabriel S. Bernardino

Projeto de saúde da família

Março 2022

# MODELO DO FORMULÁRIO APLICADO NA PESQUISA

## FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE CONHECIMENTO

### DOENÇA INFLAMATÓRIA PÉLVICA

UNIFESP PROJETO DE SAÚDE DO TERRITÓRIO: O CONHECIMENTO DAS USUÁRIAS DO POSTO DE SAÚDE JUSSARA/MONGAGUA DE JANEIRO A MARÇO 2020

Nome:

Endereço:

Idade: Estado civil:  casada  solteira  na morando  divorciada

Grau de escolaridade:

Tempo de relação:

DUM: Primeira relação: Gestações:

1. Você já ouviu falar em DIP?  sim  não
2. Como se adquire a DIP?  abraço  relação sexual sem proteção  usado mesmo talher  relação com proteção  compartilhar agulhas  compartilhar toalhas  Parto
3. Com que frequência você tem relações sexuais?  todo dia  uma vez por semana  uma vez por mês  esporadicamente
4. Você faz uso de camisinha?  nunca usei  não uso por que não sei usar  não uso por que não sei onde conseguir ela  uso somente quando transo com algumas pessoas para evitar DST'S  uso para evitar gravidez
5. Tem parceiros únicos nos últimos seis meses?  sim  não
6. Já apresentou corrimento em algum momento da vida?  sim  não
7. Qual aspecto do corrimento?  esbranquiçado  odor forte e ruim  amarelado  esverdeado
8. Já realizou algum tratamento para o corrimento?  sim  não
9. Já realizou citologia oncológica?  sim  não
10. Se a resposta for sim, teve alguma alteração?  sim  não

Dra. Maria Gabriela Silva Bernardino

## **RESULTADOS ESPERADOS**

De acordo com o projeto de intervenção do território implantado foi imprescindível o planejamento das ações necessárias para atingir o resultado desejado, assim foram identificadas as causas modificáveis do problema.

Os resultados esperados são:

- ♦ Aumentar o conhecimento das mulheres sobre DIPA;
- ♦ Conscientizar a população sexualmente ativa sobre ITS;
- ♦ Reduzir a incidência de DIPA na área de abrangência;
- ♦ Reduzir as complicações graves;
- ♦ Aumentar a oferta de métodos contraceptivos (preservativos);
- ♦ Diminuir os tabus e as dúvidas sobre esse tema;
- ♦ Diminuir as recidivas de tratamento inadequado.

## REFERÊNCIAS

HARRIS, Jay R; LIPPMAN, Marc E; MORROW, Monica; OSBORNE, C K. Diseases of the Breast. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins/Wolters Kluwer Health, edição 5, 2014, 1224 p.

NOGUEIRA, Antônio Alberto; REIS Francisco J. C. dos; NETO, Homero Benedito. Abordagem da dor pélvica crônica em mulheres. Rio de Janeiro: RBGO, V. 28, n. 12. 2006.

REVISTA BRASILEIRA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. Rio de Janeiro: Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia, v. 28, n. 8, ago. 2006.

REVISTA MÉDICA DE MINAS GERAIS. Minas Gerais: Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda. (Coopmed), vol. 23.1, 2013. 128p.

ROMANELLI, Roberta M. de Castro; LIMA, Stella Soares Sala; VIOTTI, Luciana Vilela; CLEMENTE, Wanessa Trindade; AGUIAR, Regina A.L. Pessoa; SILVA FILHO, Aguinaldo Lopes. Abordagem Atual da Doença Inflamatória Pélvica. Belo Horizonte: RMMG, 23(3), 347-355. 2013.

SEDICIAS, Sheila. O que é Doença Inflamatória Pélvica. Vila Nova de Gaia, Portugal: Tua Saúde. 2007. Disponível em <<https://www.tuasaude.com/doenca-inflamatoria-pelvica>>. Acesso em 10 jan. 2020.

TRATADO DE OBSTETRÍCIA FEBRASCO. Rio de Janeiro: Revinter, edição 1, 2000, 936 p.